

## Na “Torre das donzelas”: Dilma Rousseff e representações do claustro da histeria

1

Raabe Cesar Moreira BASTOS<sup>2</sup>  
Gabriela Santos ALVES<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

A pesquisa do presente artigo busca analisar os meios pelos quais o jornalismo brasileiro, em suas mais diversas influências, colabora, desde a vitória presidencial de Dilma Rousseff, com os claustros femininos (LAGARDE, 2016). A ênfase da dissertação está na clausura da histeria: tendo sido chamada de louca em diversas circunstâncias e épocas, Rousseff, ainda como maior representante do país, foi e é alvo de palavras e imagens constituintes de toda uma lógica de hegemonia masculina, onde a mulher, independente da ocupação, sofre violências simbólicas que perpetuam e impõem determinados valores culturais (BOURDIEU, 1989). O recorte se dá na mobilização construída para transportar a imagem de presidenta à louca, desvalorizando o feminino e o caracterizando como impróprio. A comparação da Torre das Donzelas com o jornalismo se faz justamente para evidenciar as violências simbólicas sofridas por Dilma e, conseqüentemente, por todas as mulheres do país. A Torre das Donzelas foi o conglomerado de celas femininas do Presídio Tiradentes, em São Paulo, no período da ditadura militar, 1964-1985. O local recebeu uma gama de presos, mas se tornou conhecido por admitir, em sua maioria, presas políticas, incluindo Dilma Rousseff, tendo sido levada à prisão em 1970 acusada de “subversão”. Ainda que palco dos horrores cometidos, principalmente contra mulheres, o espaço era conhecido como o “paraíso” das presas e presos políticos em virtude do fato de que os que eram levados para lá “voltavam a existir”, sendo registrados em cartório, evento que ocorria após as encarceradas e encarcerados estarem como desaparecidos, em verdade, se encontravam em presídios não tradicionais onde eram torturados, por essa razão, sumidos socialmente (ESTEVÃO, 2022). A documentação de registro gerada às

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: [raabecesarmb@gmail.com](mailto:raabecesarmb@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Pós doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: [gabriela.alves@ufes.br](mailto:gabriela.alves@ufes.br).

presas e presos ao serem transferidos para a Torre das Donzelas os garantia a “existência”, revelava que estavam vivos, mas ainda assim, por tratar-se de prisioneiros políticos, suas vidas reclusas eram um aviso para as outras pessoas, indicando o local onde não deveriam estar, local este físico ou no campo das ideias. Igualmente, a visibilidade jornalística exercida sobre a figura de Dilma, sendo ela uma mulher, confirma seu estado de poder no maior cargo executivo do país, se tratando de uma visibilidade onde, em vez de servir como impulso e significância para a aquisição de posição social por parte das mulheres, é utilizado pelo sistema patriarcal, através de suas violências, para reforçar que não é o ideal, não é o espaço feminino, gerando pressões e constrangimentos não só a ex-presidenta, como também a qualquer mulher que deseje e tente alçar cargo de liderança e destaque. A penitenciária, bem como o discurso de viés misógino, desumaniza e se torna uma ameaça não apenas para as mulheres, mas se realiza contra a democracia, sendo o aparelhamento social com intuito de destruição da democracia de representatividade. A nomeação do conjunto de celas femininas como “Torre das Donzelas” também expõe a crueldade com que mulheres são tratadas mesmo em um cenário já brutal, como a ditadura. Ainda que em ambiente hostil, a agressividade se mostra pior em relação a elas, vê-se os relatos dos métodos diferentes de tortura quando se trata de mulheres, como estupros e xingamentos que mencionam gênero. A violência simbólica no nome dado ao espaço em que as presas eram levadas, está nas três palavras que a compõe: “torre” como o local que isola, também fazendo alusão aos contos de fadas, a história de Rapunzel; “das” como pertencente às mulheres, próprio do feminino; “donzelas” significando virgem, solteira, em resumo, na falta de um homem. De tal maneira, “Torre das Donzelas” articula todo um ideal de feminino, assim como foi construída a caracterização de Dilma no campo midiático, enclausurando toda a noção do que é ser mulher. O isolamento e o controle exercidos através da penitenciária cabe aqui como parâmetro de referência respeito ao simbólico com que enunciações jornalísticas têm realizado, onde há articulação de territórios de gêneros, explorando a imagem da ex-presidenta em construções discursivas que colaboram ativamente para o claustro da mulher, endossando a misoginia, o patriarcado e, conseqüentemente, a noção do poder naturalmente pertencer ao homem, projetando paisagens imaginárias do local público e de chefia como competente unicamente ao masculino. A histeria relacionada diretamente à imagem de Dilma, realiza a prisão, o mantimento do ideal feminino como propenso à loucura, sendo

próprio dele patologias mentais. A elaboração da caricatura de desequilibrada mental de Rousseff é calculada (VIEIRA, 2018), possuindo caráter estrutural, se trata da histerização do corpo da mulher, noção construída ao longo de séculos que pretende a clausura mental e física do feminino, sendo um mecanismo fundamental dos instrumentos de poder do sexo masculino (FOUCAULT, 2003). A clausura da histeria modifica-se de acordo com a época em que se encontra, mas não cessa de existir, portanto, há normalização da linguagem violenta em relação às mulheres, gerando justificativa de que se trata de loucura. Os veículos midiáticos explicam e enfatizam comportamentos comuns de Dilma Rousseff como resultado de desequilíbrio, evidenciando que a loucura chega através do gênero, da condição de ser mulher, alicerçando a base da violência simbólica (GERALDES, 2016). A agenda misógina de narrativas que desqualificam a mulher ocorre à luz do dia, desumanizando e inviabilizando o feminino. Os ataques sofridos por Dilma são concessões públicas, onde o masculino se coloca como porta-voz do discurso (HOLLANDA, 2020), indicando que o corpo feminino é comum, cabendo a quem quiser causá-lo violências. Ora, se a mulher no mais alto cargo do país pode ser rechaçada, como ficam as mulheres de diversas outras classes? Tal análise se trata do diagnóstico da maioria feminina marginalizada. O campo de representação formado através dos processos discursivos encenou o desequilíbrio idealizante da mulher, tomaram de Dilma o lugar a qual foi eleita e reeleita através do voto, a demonizando por ser mulher, não está no gênero certo, como poderia ocupar a cadeira em que esteve? O sistema patriarcal, que tem o masculino como figura primária e fundadora do humano (BUTLER, 2021), não prevê mulheres no poder, se o alcançam, são chamadas de loucas, culpadas e, por fim, banidas. As mulheres eram privadas de falar sobre si, Dilma falava por um país. Os significantes nos discursos sobre a ex-presidenta produzem e reproduzem sentidos do que é ser mulher, circulando na sociedade as ideologias estruturais da hegemonia masculina. A produção da figura de Rousseff dotada de vilania amordaçou mulheres, justificando o uso da histeria como acusação. O discurso é formador de interpretações de existências, as assimilando e ressignificando, em tal ótica, é poder (FOUCAULT, 2004). A partir dos fatos apresentados, o artigo busca a articulação entre categorias teóricas e publicações jornalísticas para realização de análise crítica. A pesquisa utilizará as capas e as matérias: “Uma presidente fora de si” (IstoÉ, abril de 2016), “As explosões nervosas da presidente” (IstoÉ, abril de 2016), “Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca”

(Veja, novembro de 2018) e “Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder” (Folha de São Paulo, setembro de 2021). A paródia “Essa Dilma é louca” (Galo Frito, 2016) também estará em análise por se tratar de uma caricatura amplamente reproduzida em diversas mídias, onde o componente principal da sátira se trata da suposta loucura de Dilma. Tendo como base as teorias e as publicações citadas, é buscado compreender e evidenciar o claustro da histeria que foi imposto a imagem de Dilma Rousseff, bem como exemplificar a maneira como tal clausura, através da construção discursiva e imagética, atinge todas as mulheres, projetando uma simbólica Torre das Donzelas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Gênero; Histeria; Dilma Rousseff; Torre das Donzelas.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALONSO, Gustavo. **Dilma virou moribunda como um zumbi e ninguém quer seu retorno ao poder**. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em:  
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gustavo-alonso/2021/09/dilma-virou-moribunda-como-um-zumbi-e-ninguem-quer-seu-retorno-ao-poder.shtml>.

**AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE**. IstoÉ, 2016. Disponível em:  
[https://istoe.com.br/edicao/894\\_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/](https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: Uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

ESTEVÃO, Ana Maria Ramos. **Torre das guerreiras e outras memórias**. São Paulo: Editoria 106, 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FRITO, Galo. **Essa Dilma é louca**. Youtube, 2016. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=IBOx28aBqBM>.

GERALDES, E. C. et al. **Mídia, Misoginia e Golpe**. Brasília: FAC-UnB, 2016.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: Da Margem ao Centro**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LAGARDE, Marcela et al. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Siglo XXI Editores México, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe, BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

NUNES, Augusto. **Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca**. Veja, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/dilma-a-vigarista-merecia- virar-sucessora-de-maria-i-a-louca/>.

PARDELLAS, Sérgio e BERGAMASCO, Débora. **Uma presidente fora de si**. IstoÉ, 2016. Disponível em: [https://istoe.com.br/450027\\_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/](https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/).

SCHAPIRA, L. L. **O complexo de Cassandra**. Vivendo em descrédito. A histeria numa perspectiva moderna. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2021.

VIEIRA, Pâmela. **Marcas narrativas da cultura do estupro no ciberespaço – Análise da misoginia contra Dilma Rousseff**. Tese (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.